

ADAM SASS



Os

99



NAMORADOS

— de —

MICAH SUMMERS



SECRET SOCIETY



SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Bullying

Classismo

Desigualdades sociais

Relações tóxicas

Traição emocional

Dedicado ao David,
que lutou com unhas e dentes pelo namorado certo neste livro.





Capítulo 1



RAPAZ 100



Como é que eu sei que é amor? Porque já vomitei duas vezes e ainda nem sequer o convidei para sair. Sei que os meus amigos dispensariam esta informação, mas também sei que eles concordam que os meus problemas de estômago induzidos pela ansiedade são a desculpa perfeita para me baldar às aulas e convidar um rapaz para sair pela primeira vez.

Quem é que se consegue concentrar em números imaginários ou no Escândalo de Teapot Dome num dia como este? Os sinais de que devo finalmente avançar estão à vista: o típico céu cinzento e encoberto de Chicago abriu finalmente sobre a linha do horizonte, dando lugar a um azul-Tiffany cheio de promessas. É o primeiro dia quente que temos em meio ano, o que é perfeito para a minha missão. Vou poder vestir a minha camisola de alças preta favorita, aquela que faz parecer que tenho os bíceps trabalhados (aviso à navegação: não tenho!). Não me sinto culpado por me baldar às aulas. Já despachei a

maioria dos exames finais, o primeiro ano já lá vai e metade dos finalistas nem sequer vai estar presente hoje.

Finalistas como o Andy McDermott.

Passei o mês de maio a rondar o Andy como um tubarão ronda um marinheiro prestes a afogar-se. Ele andava com uma miúda da minha turma de Cerâmica há quase um ano, mas ela traiu-o nas férias da Páscoa, eles acabaram e depois o Andy começou a aparecer nas reuniões do clube LGBTQ+ da nossa escola.

Como secretário do clube, a única coisa que escrevi na ata da reunião desse dia foi:

OMG! O ANDY ESTÁ AQUI!

A Hannah, a minha melhor amiga (e melhor espia), conseguiu saber que o Andy ia faltar às aulas para ir ao Grant Park gravar TikToks para a banda dele. Por isso, é para lá que vou, tão rápido quanto o meu skate permitir.

O skate cor-de-rosa balança sob o peso da minha mochila cheia, mas corrijo facilmente o meu equilíbrio. Afinal de contas, sou um pau de virar tripas de 17 anos que mais parece um puto de 12. O vento da primavera bate-me na cara enquanto deslizo pela ponte cor de ferrugem que liga a minha casa na Gold Coast ao Loop, no centro. Quando chego ao lago, apercebo-me de que toda a cidade decidiu baldar-se: velejadores, ciclistas, corredores, malta dos piqueniques — estamos todos desesperados por tirar partido do primeiro indício de calor desde outubro.

No entanto, a brisa suave não faz nada para acalmar o meu refluxo gástrico.

Dê lá por onde der, hoje é o dia em que o Micah Summers convida um rapaz para sair pela primeira vez.

Espero bem que dê para o certo!

Quando finalmente paro o skate junto ao muro de pedra do Grant Park, vejo que fui bafejado pela sorte: o Andy McDermott já cá está. E está sozinho. É muito raro encontrar o Andy sem o seu círculo de amigos intimidantes.

Mas ali está ele agora, sozinho, na fila de um carrinho de cachorros-quentes.

O Andy parece saído de um conto de fadas — mas mais do género punk, como os *Descendants*. Tem o cabelo escuro encaracolado pintado de azul-marinho nas pontas, faces sardentas ligeiramente bronzeadas, um brinco com um brilhante na orelha, uma camisa de flanela atada à cintura e anéis de prata em todos os dedos. Vibes de videoclip de música retro.

Respiro fundo, humedeço os lábios com a língua, prendo o skate à parte de trás da mochila e junto-me ao Andy na fila.

Ele ainda não me viu. O meu coração está a mil.

A vendedora de cachorros-quentes — uma mulher branca, mais velha e espampanante, vestida com roupa dos Chicago Bulls — acena ao Andy para avançar e fazer o seu pedido.

Como é que vou meter conversa? E depois disso, como é que o convido para sair de uma forma casual, sem me atirar de cabeça, mas de um modo suficientemente direto para evitar que o encontro romântico seja confundido com uma saída de amigos?

Na vida real, os rapazes não são príncipes de contos de fadas; são criaturas aterradoras e enigmáticas saídas de bosques misteriosos.

Não há tempo para respirar. Pego no telemóvel e envio uma mensagem à Hannah: **Emergência! O McDermott está à minha frente na fila dos cachorros-quentes. O que faço?**

A resposta dela é rápida: **Convida-o para sair!**

Quase estrangulo o telemóvel. Desde o 7.º ano que a Hannah tem saído com carradas de tipos giros e populares — e é sempre

ela que é convidada para sair. Não sei porque é que ainda acho que os seus conselhos se aplicam a mim, um rapaz gay que ainda nem atingiu o patamar de namoro de um aluno do básico.

Obrigadinho, Hannah, mas como?, respondo.

Pergunta-lhe se quer comer um cachorro-quente contigo. Mas faz com que PAREÇA que «cachorro-quente» é código para outra coisa.

Estás com piadinhas enquanto eu estou aqui a passar mal.

Oferece-lhe o almoço!

Até que enfim, uma sugestão concreta e exequível! A Hannah é a maior.

— Quero um com tudo — diz o Andy à vendedora de cachorros com a sua voz rouca.

— São 4 dólares e cinquenta — diz ela.

Avanço, de cartão em riste, antes que o Andy pegue na carteira.

— ‘Xatareupago — atiro, numa única palavra.

O Andy cambaleia para trás, com o choque evidente na cara por barbear.

Oh, não. *Precipitei-me.*

— Desculpa! — Levanto os braços em sinal de rendição, não sei bem porquê. — Posso oferecer-te o cachorro?

O Andy bate as pestanas compridas e a sua expressão de medo transforma-se num sorriso intencional. Isso é positivo. Sinto o fôlego a voltar ao meu peito.

— Oh, olá — diz. — Micah? Do clube da escola, certo?

Ele reconhece-me!

— Sim... — balbucio, enquanto entrego o cartão à vendedora. Olho para todo o lado *menos* para o Andy. O plano está a cair por terra rapidamente. O Andy só vê um miúdo branco pequeno e esquisito que mal conhece e que apareceu do nada sem explicar porquê.

— Também queres um cachorro, querido, ou só vais pagar o dele? — pergunta a mulher.

O passeio começa a andar à roda. Não consigo comer nada.

— Só o dele — murmuro.

— Oh, obrigado — diz o Andy, sem que o seu tom de voz afável consiga sossegar o meu nervosismo.

Com um esforço hercúleo, consigo olhar para os seus olhos castanho-escuros salpicados de tons dourados. Ele está a sorrir.

É demasiada atenção. Sinto um aperto no estômago.

Sorri, Micah. Obedeço. Menos dentes! Fecho os lábios. *Agora parece que estás enjoado.* E estou mesmo! O sorriso do Andy começa a esmorecer. *Estás a perdê-lo!*

— Não sei o que vais fazer hoje à noite — expludo.

A sobancelha do Andy, decorada com um piercing, ergue-se.

— Tu... não sabes o que vou fazer hoje à noite?

A frase devia ser: *Não sei o que vais fazer hoje à noite, mas se estiveres livre, queres ir ao cinema/jantar/o que for?* Mas claro que me acobardei na parte mais importante, por isso agora só pareço um tarado!

— Toma o cartão, querido — diz a vendedora, antes de entregar ao Andy um cachorro-quente embrulhado em papel de alumínio e um saco de SunChips. Uma mulher atrás de mim empurra os filhos para pedirem, e eu e o Andy saímos juntos da fila.

O que estou a fazer? A ideia é segui-lo o dia todo como se fosse um triste fantasma?

— Quer dizer, se não estiveres ocupado mais logo... hum... — gaguejo.

Felizmente, o Andy sabe onde quero chegar. Abana um pouco a cabeça e aproxima-se.

— Ouve, Micah... sinto-me muito lisonjeado, mas...

— É na boa! — Arquejo. — Boa formatura, bom cachorro-quente, tchau!

Corro na direção oposta com a velocidade de uma gazela que está prestes a tornar-se o almoço de um jaguar. Só abrando quando o refluxo gástrico desaparece.

Sinto o coração a encolher-se no meu peito. Mais uma vez, não fui capaz.

Assim que consigo deixar vários quarteirões entre mim e o Andy, ponho o skate no chão e vou até ao Millennium Park — é um sítio meio turístico, mas pelo menos consigo desaparecer no meio da multidão. E desaparecer é mesmo aquilo de que preciso neste momento. Salto do skate, pego nele ao colo e sento-me de pernas cruzadas, a poucos metros do Bean, uma gigantesca instalação artística refletora em forma de, bem, feijão.

Abro a mochila e tiro um lápis de carvão e um caderno de esboços Moleskine. Assim que sinto o papel texturado na ponta dos dedos, o calor da humilhação começa a esmorecer.

Atirei-me de cabeça — *mais ou menos* — mas levei com os pés — *mais ou menos*.

É uma treta. Está na altura de esquecer a minha crush e desenhar o Andy para fora da minha cabeça.

Começo a desenhar o Andy McDermott com traços largos e grosseiros a lápis, não como ele é, mas como a minha crush me fazia sentir. Exagero os seus traços: o cabelo de pontas azuis torna-se uma

juba que lhe dá pelos ombros; os olhos são duas luas douradas e brilhantes; a camisa de flanela transforma-se num tartan medieval rasgado e ondulante.

Ele é um pirata, como o Westley em *A Princesa Prometida*. Ou um lobisomem de um dos romances que eu costumava surripiar da mesa de cabeceira da minha mãe.

Um lobo-pirata.

Acrescento alguns floreados visuais, como uma cena de floresta noturna tatuada no braço esquerdo. Uma argola em vez do brilhante. Duas pequenas presas a espreitar por baixo de um bigode espesso.

Não se parece nada com o verdadeiro Andy McDermott. Na minha fantasia, o Andy lobo-pirata leva-me para a sua casa no interior de uma floresta maléfica. Não preciso de o convidar para sair nem de me atrapalhar com as palavras — sou apenas um prisioneiro voluntário do lobo-pirata. Nesta fantasia, não sou um rapaz de 17 anos que nunca teve um encontro...

Ao contrário dos meus amigos, nunca ultrapassei a fase dos contos de fadas, porque não acho que sejam tolos ou falsos. Para os rapazes queer solitários, estas histórias são tão reais como quaisquer outras — mais ainda porque sou eu que controlo a narrativa. Na vida real, sou um caso perdido. Não consigo falar. Nem sequer consigo olhar as minhas crushes nos olhos. Não controlo nada. Mas, nos contos de fadas, o amor pode ser tão idealizado quanto eu quiser. Posso ser qualquer pessoa.

Quando desenho, sou eu próprio.

Abro o Instagram e o meu coração exulta com uma força renovada. Apesar de a minha conta artística — @InstaLovesInChicago — ter estado inativa durante toda a semana, enquanto eu terminava

os exames finais, tenho mais mil seguidores. Estou quase a chegar aos 50 mil! Tento nunca ler os comentários, por isso não sei se são positivos ou negativos, mas só o facto de me recordarem de que tantas pessoas estão a ver a minha arte é tudo o que preciso depois da desilusão de hoje.

— *Sinto-me muito lisonjeado, mas...* — Nem sequer consegui deixar o Andy acabar a frase, como se fosse menos uma rejeição se eu lhe cortasse a palavra. Quer o final da frase fosse: *mas não estou interessado* ou *mas ainda não estou pronto para outra relação depois do meu breakup*, a verdade é que ele não sente por mim o que eu sinto por ele. Como um atacador cujo nó se desfaz, o sentimento que eu pensava ser amor transforma-se naquilo que realmente é: uma paixão de sentido único. O amor é uma via de dois sentidos.

Enfim. Mais um tiro ao lado para o Micah Summers.

Tal como os outros 99 tiros ao lado (ou quase ao lado, como lhes chamo com otimismo), o fantasma da minha crush vive agora no desenho romântico daquilo que poderia ter sido.

Quando recebi este caderno como prenda de anos, há 2 anos, tinha 208 páginas vazias. Até à data, 99 contêm desenhos acabados dos meus Namorados do Instaloves, todos eles carinhosamente borrifados com verniz em spray.

Selados. Publicados no Instagram. Perfeitos.

Noventa e nove namorados.

Ainda bem que ninguém sabe que a conta é minha. A minha família participou num *reality show* há uns anos (e *todos* conhecem o meu pai), por isso a última coisa que quero é que a Internet saiba quantas crushes falhadas o Micah Summers já teve. O anonimato do Instaloves centra as atenções na arte e não na cusquice. Deu-me espaço para experimentar e encontrar a minha voz artística.

Olho para as minhas DMs — uma coluna interminável de mensagens não lidas de fãs. Nas pequenas janelas de pré-visualização, o conteúdo das perguntas repete-se:

Onde está o Rapaz 100?

Quando é que vais publicar o Rapaz 100?

PARA QUANDO o Rapaz 100?

Quando é que o meu príncipe vai chegar?



Volto a sentir um aperto no peito. Noventa e nove crushes, zero convites para sair.

Durante toda a semana, pensei que o Andy era o Rapaz 100 — a crush que finalmente se materializaria em algo real. Mas o destino decidiu que o Rapaz 100 ainda anda por aí, à minha espera, tal como eu estou à espera dele.



Capítulo 2



O PRÍNCIPE



O lobo-pirata sente o cheiro do medo, mas o desconforto é algo que não pode tolerar. «Não tens de dizer nada», sussurra. «Sei de um sítio onde podemos

ficar a sós.» Olhas para os seus olhos dourados e animalescos e sentes-te imediatamente seguro. Este estranho desgrenhado sabe exatamente aquilo de que precisas. Sabe respeitar os teus sentimentos e é suficientemente destemido para gozar contigo na medida certa. Embarcas no seu navio rumo ao antigo castelo da sua família. Uma vez lá, acampam juntos nas montanhas. Ele serve-te cidra quente numa caneca de cerâmica que ele próprio fez. Ao vosso lado, um fiel cão de caça.

Fecho o Instagram sem publicar o meu desenho.

As mãos do Andy ficaram demasiado grandes. Não ficaram bem.

Nada está bem!

Normalmente, o que faz com que os meus Instaloves pareçam tão reais é o facto de me manter fora deles. Quem olha para os meus desenhos e lê a legenda, sente-se arrebatado. É *essa pessoa* que vive a fantasia. Todos eles são baseados em crushes reais, mas o meu trabalho é exagerá-los para que as pessoas sintam o que eu sinto. Mas, desta vez, sinto uma bota invisível e pesada a pressionar o meu estômago quando vejo o Andy do meu caderno a fitar-me, com as mãos deformadas. O seu encanto está, de alguma forma, ausente.

Porque falhei desta vez?

Suspiro. Esta crush falhada doeu. Pensei que tinha visto algo nos seus olhos, um interesse. Talvez me tenha iludido. Talvez ele *esteja* interessado, mas ainda esteja muito abalado pela separação. Ou podia até estar recetivo a um encontro se eu não tivesse metido os pés pelas mãos de forma tão espetacular.

O meu telemóvel dá sinal de vida com uma mensagem da Hannah: **E então???** Quando respondo com um polegar para baixo,

ela escreve: **Encontramo-nos no Audrey's daqui a 20 minutos? O Elliot faz o teu chai.**

O Elliot.

Ela está a fazer todos os possíveis para que eu seja amigo daquele tipo. Os gays nem sempre precisam de ser amigos de outros gays só com base na sua orientação sexual! Apetece-me enviar-lhe uma mensagem a dizer «Dispensó!», mas ela está a ser amorosa. Enquanto atravesso a cidade de skate, o primeiro dia quente de verão em Chicago faz-me arrepiar os pelos da nuca. Meu Deus, tinha saudades deste calor. Tenho a certeza de que, em julho, estarei a implorar por outubro, mas, por agora, este calor é tudo o que preciso para me animar.

Isso e um chai do Audrey's.

O Audrey's Café é a minha mais recente obsessão. A Hannah apresentou-mo na altura perfeita, porque já não consigo pôr os pés no meu anterior café habitual, o Intelligentsia.

Um antigo Namorado do Instaloves, o número 59, trabalha lá.

Na verdade, quando dobro a esquina em direção ao Audrey's, o Sr. 59 está na montra do Intelligentsia a mudar a sinalética para mostrar as seleções de verão. Quase consigo ver o número 59 a aparecer por cima da cabeça dele. Ele vê-me a atravessar a rua, com a sua longa franja escura a cair-lhe para os olhos. Sorri, mas estou demasiado traumatizado com o meu último desastre para devolver o sorriso. Ele faz-me o sinal da paz e — como por milagre — consigo retribuir enquanto me afasto.

Antes de entrar no Audrey's Café, um café francês muito acolhedor, pego no meu caderno para dar outra vista de olhos ao Andy lobo-pirata.

Um arrepio na nuca. Não sinto nada. Este rapaz, que eu tinha a certeza que se tornaria o amor da minha vida, está parado no meu caderno com um ar tão tolo como eu me sinto.

Quero mais do que um olhar de sedução. Quero uma ligação.

O Rapaz 100 tem de ser especial: um encontro a sério, não outra desilusão. Não era o Andy. O Rapaz 100 não pode ser apenas um rapaz com o qual me enganei ao pensar que gostava de mim só porque me lançou um meio sorriso. Os sinais precisam de ser mais fortes, e os sentimentos precisam de ser recíprocos.

Rodeado de pessoas que bebericam alegremente os seus lattes, passo uma lâmina X-Ato pela borda do desenho. Com um último movimento, atiro o Andy lobo-pirata para o lixo.

— Descansa em paz — diz a Hannah. Quase a sair de uma nuvem de fumo, a minha melhor amiga — baixa, elegante e negra, com uma tez quase radiante — aparece ao meu lado. Juntos, olhamos para o lixo, para o meu desenho do Andy.

— Quem era? — pergunta.

A Hannah nem sequer reconhece o Andy no desenho, mas o cheiro da mostarda, das cebolas acabadas de cozinhar e do perfume almiscarado do Andy preenchem-me os sentidos. Suspiro.

— O rapaz dos meus sonhos.

A Hannah ri-se e enlaça o braço no meu.

— Ah, mais um desses.

— Bem, um dia, vou dizê-lo e vai ser mesmo a sério.



Perder-me na multidão agitada do Audrey's faz desvanecer a minha humilhação. Estas pessoas não sabem nem querem saber que me envergonhei à frente do Andy McDermott.

No interior do café com paredes de tijolo, a minha irmã Maggie acena-nos, no meio de uma multidão de outras almas perdidas à espera dos seus lattes. Ela já pediu o nosso. Apesar de a nossa família

ter dinheiro suficiente para que tenhamos um guarda-roupa cheio, eu e a Maggie acabamos por usar sempre as mesmas coisas, como se fôssemos personagens de desenhos animados. Com o cabelo castanho curto e a pele tão branca como uma coluna de mármore, a Maggie está vestida na sua habitual roupa desportiva. Eu trago o meu uniforme de gay branco: joggers da moda e uma camisola de manga à cava preta barata manchada de tinta. Já a Hannah é mais sensível ao estilo, tendo optado por um conjunto instagramável: óculos de massa com brilhantes e uma saia travada azul-petróleo com uma blusa de manga curta a condizer.

Eu e a Hannah abrimos caminho por entre a multidão até chegarmos ao balcão, onde está a Maggie.

— Porque é que vocês estavam lá fora a olhar para um caixote do lixo? — pergunta a minha irmã.

— Mais um Rapaz 100 descartado — esclarece a Hannah com um olhar de pena.

A expressão de Maggie denota desconsolo.

— Qual era o problema deste? Escolhe uma crush e publica-a. Os teus seguidores vão ficar fartos de estar à espera. — O meu corpo fica rígido. A Maggie vai para o segundo ano da Faculdade de Medicina Desportiva, não tem nada de artista ou influenciadora. — Que cara é essa? — Ela cerra os lábios. — Queres que me meta na minha vida, é isso?

Encolho os ombros e agito as mãos no ar enquanto procuro a forma mais delicada de dizer isto:

— Estou a tentar encontrar o rapaz certo. Não é só «escolher uma crush».

A minha irmã levanta as mãos, como quem diz «Está bem, faz como quiseres», e a Hannah esgueira-se mais para baixo no balcão

para ir ter com o seu amigo Elliot, um barista baixo, branco e rechonchudo, com cabelo desgrenhado e cor de feno apenas alguns tons mais escuro do que a sua pele. Ele anuncia a próxima bebida — Cinnamon Cold Brew! — enquanto as pessoas se queixam do tempo que estão à espera. Muitos deles vociferam que aquele Cinnamon Cold Brew foi pedido muito depois das suas bebidas mais fáceis de preparar. Parece que o mundo está cheio de especialistas em café.

Enquanto o Elliot murmura desculpas e regressa ao seu vaporizador de leite, vejo o meu chai por fazer no meio de uma fila de chávenas que se estende pelo balcão até à caixa registadora.

Pobre alma. A fila é interminável, desesperante.

A Maggie vira-se para mim com uma sobranceira arqueada.

— Deixa-me adivinhar — atira. — Deitaste fora o teu esboço sem deixar que a Hannah ou qualquer outra pessoa o visse.

Atiro-lhe um beijo e rezo para que ela não me obrigue a contar a história toda. Felizmente, não me apaixonei pelo Andy tempo suficiente para que mais alguém, além da Hannah, ficasse a par.

— Não percebo porque é que não mostras as tuas coisas a ninguém — insiste.

— É uma cena minha, OK? Para que achas que tive aquelas aulas particulares de arte no ano passado?

A Maggie encolhe os ombros.

— Eu sei, mas já passou algum tempo e, com o sucesso do Instaloves, pensei que tinhas ultrapassado o medo de mostrar as tuas coisas às pessoas.

— Os meus seguidores do Instaloves não sabem que sou *eu*.

Eu e a Maggie temos esta discussão pelo menos uma vez por mês, por isso, ou ela tem amnésia seletiva, ou está a tentar desgastar a minha determinação como uma negociadora de reféns.

A Hannah acena-me e eu deixo a Maggie a publicar as suas estatísticas de corrida nos stories do Instagram.

— A Maggie está a moer-te o juízo? — pergunta a Hannah com um sorriso.

— Só um bocadinho — resmungo. — Está sempre a chatear-me porque não mostro os meus desenhos a ninguém.

— É só para ver se ficas mais resistente e decides finalmente convidar um rapaz para sair. — Sinto novamente o refluxo gástrico a subir até à garganta e fico sem pinga de sangue. A Hannah deve ter uma visão de raio-X para perceber quando me estou a sentir de uma determinada maneira, porque pega na minha mão. — Foi assim tão mau?

Suspiro.

— Não consegui. Quer dizer, quase consegui, mas... Nunca vou ter a calma necessária para conseguir ter uma conversa básica com um rapaz. Tipo, o meu corpo rejeitou *completamente* a situação.

A Hannah põe-se em bicos de pés para me dar um beijo na testa. Um arrepio agradável percorre-me o pescoço.

— Lamento não ter nenhum conselho para te dar. Não sou das que perseguem. Sou das que são perseguidas. Junta-te a mim!

— Estou a tentaaaaaar!

Rimo-nos e depois soltamos um suspiro. Pelo menos, temo-nos um ao outro.

Enquanto esperamos, a gerente do Elliot sai da cozinha atrás dele. É uma mulher branca, impositiva e queimada pelo sol. Traz vestida uma camisa limpa e elegante, e tem o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo bem puxado atrás, daqueles que fazem as bailarinas ficar carecas devido à alopecia de tração.

— Elliot, quando é a tua pausa? — pergunta ela.

— Daqui a dez minutos — diz ele, sem parar de trabalhar. A gerente não diz nada. Examina os restantes empregados, mas todos parecem estar demasiado ocupados para poderem substituir o Elliot. — Posso saltar a pausa e continuar — diz o Elliot, derrotado.

— Obrigada pelo teu esforço — diz a gerente, enquanto lhe aperta o ombro, como se fossem as melhores amigas. A Hannah fulmina a gerente com o olhar quando esta desaparece na cozinha sem se oferecer para ajudar.

Estremeço ao ver a fila interminável de bebidas ainda por fazer. Estou exausto pelo Elliot. Todas estas multidões de verão, e ainda nem sequer chegámos ao nível do Taste of Chicago.

Daqui a pouco mais de um mês, o histórico festival gastronómico à beira do lago vai afastar os cidadãos dos seus aparelhos de ar condicionado para se deliciarem com a gastronomia mais na berra a nível nacional (por lei, os habitantes de Chicago não reconhecem Nova Iorque nesta categoria). O Taste é o paraíso... se estivermos lá para provar. Mas é um inferno para quem trabalha na restauração, porque pega numa cidade sufocante de gente irada e triplica a sua população como por magia de um dia para o outro.

O Taste vai arrasar com o pobre Elliot.

Mas, neste momento, ele parece inabalável face ao caos. Ou talvez seja apenas resoluto. Não sei. É novo na cidade. Andamos em escolas diferentes, por isso conhecemo-nos sobretudo como o *outro* melhor amigo gay da Hannah. Muito sinceramente, mantenho um silêncio ciumento sempre que se fala nele.

Não que ele alguma vez tenha feito algo para merecer esses sentimentos. No verão passado, ele e a Hannah conheceram-se num estágio na mesma clínica veterinária. Ela não conseguiu lidar emocionalmente com todos os animais de estimação doentes e sem lar

mas, para o Elliot, aquele era o seu emprego de sonho, por isso orientou-a nas situações mais difíceis. Bastou um mês para se tornarem tão inseparáveis como eu e ela somos desde que nascemos.

Dos dois melhores amigos da Hannah, ele é o mais fofo. Nunca teria problemas em mostrar as suas obras de arte à Hannah.

Deve ser por isso que o Elliot tem namorado e tu não.

Sinto um formigueiro e uma dormência nas pontas dos dedos. Para me distrair da rejeição de hoje, abro o Instaloves e percorro os meus desenhos antigos. Tenho o Rapaz Headphones a dançar sozinho no comboio e a minha história sobre o apartamento boémio em Boystown que teríamos partilhado, enquanto criávamos música e arte todos os dias. Depois, tenho o Rapaz AP Bio, com o penteado alto e curto, que se cruzou comigo depois do seu treino de basquetebol tardio. Na publicação, mudei o seu desporto de eleição para esqui e ele levou-me para um chalé alpino e a passear pela montanha ao crepúsculo.

Comecei o Instaloves para mim mas, estranhamente, outras pessoas encontraram as minhas publicações e começaram a sentir empatia com os desenhos anónimos e fantasiosos. As pessoas parecem *precisar* de fantasia, sobretudo quando o mundo não é construído em torno de um amor como o nosso. As pessoas queer têm de criar as suas próprias histórias mágicas a partir do zero, e eu vou fazer tudo o que puder para ajudar as pessoas queer a sonhar.

Um mundo fatigado merece poder sonhar.

— Talvez a Maggie tenha razão — diz a Hannah. — Vai buscar o desenho ao lixo e refá-lo. Quero que mantenhas o teu ímpeto. As pessoas estão entusiasmadas com o Rapaz 100! — A sua voz atrevida é tão alta que se ouve por cima do assobio do bocal de leite do Elliot. Algumas pessoas viram-se com um interesse curioso.

— Fala mais baixo — sussurro, com o pescoço enfiado nos ombros como uma tartaruga. — Não quero que o Elliot saiba que sou eu.

— Oh, não... — Com um esgar de dor, olha para o Elliot, que está a servir um cappuccino. — Eu disse-lhe.

— *Hannah.*

— Eu não sabia que ninguém podia saber.

— O que é que se passa agora, Bebê Dói-Dói? — pergunta a Maggie, juntando-se a nós. As minhas costas crispam-se como um gato quando ouço a sua alcunha preferida — como se aqui o bebé chorão do Micah tivesse outro dói-dói. Ignoro-a.

As mãos do Elliot movem-se entre as bebidas com a graciosidade de uma bailarina. Sem perder a velocidade, olha para mim e sussurra:

— Prometo guardar segredo! Os teus desenhos do Instaloves são lindos. Parabéns.

Coro e sorrio com relutância.

— Obrigado, Elliot.

— O Brandon é que é o crítico de arte, mas eu acho que são espetaculares.

O meu sorriso desaparece. Tradução: *Também contei ao meu namorado, e ele acha que não vales nada.*

Tento não rosnar. Claro que não faz mal que o Elliot, que é a fofura e perfeição em figura de gente, também saiba.

O Elliot despeja gelo num tabuleiro com quatro cafés gelados, mas quando anuncia o pedido, o tabuleiro começa a tombar. Consegue estabilizá-lo, exala um suspiro e sopra uma madeixa de cabelo dos olhos. Quando volta a anunciar as bebidas, um homem alto de bigode irrompe por entre a multidão e empurra uma chave-na-de-caffé na sua direção.

— Isto está frio! — grunhe o homem, e o Elliot estremece.

O tabuleiro volta a inclinar-se.

Sustenho a respiração, mas o Elliot consegue equilibrá-lo.

— Sinto muito, senhor — diz ele, pacientemente. — Vou já preparar outro.

— Para ter de esperar mais meia hora? — atira o homem para a multidão, como se esperasse que nos juntássemos a ele para atacar o Elliot. — E fazer as coisas bem à primeira, não?

— Vou já preparar outro. Vai demorar um segundo...

— Devolva-me o dinheiro. — Mais uma vez, o homem empurra o café para o Elliot.

Ele arqueja.

As suas mãos contorcem-se.

O tabuleiro do café cai.

Não há nada a fazer senão ver as quatro bebidas a caírem no chão, explodindo umas a seguir às outras como balões de água. Todos saltam para trás, incluindo o Elliot, que leva as mãos à boca quando vê o resultado: a área à volta do balcão é um campo de batalha sangrento de café com natas, cubos de gelo e tampas decapitadas.

— Estou encharcado! — ruga o homem de bigode. Só vejo uns ténues salpicos escuros nas suas calças. Está a ser um canalha de primeira.

O Elliot estava a sair-se tão bem com as bebidas; um verdadeiro titã de produtividade. Agora está ali parado, em choque, com uma multidão furiosa a olhar para ele, tudo porque aquele ogre invadiu o seu espaço.

A gerente volta a sair da cozinha. Começa a bufar quando vê o Elliot.

— Limpa esta porcaria, eu tomo conta do bar. — Enquanto ela ata o avental manchado de leite à cintura, o Elliot apressa-se a ir buscar uma esfregona.



— É bom que aquele miúdo me pague a conta da lavandaria — grita o homem.

A gerente acena com a cabeça enquanto vaporiza o leite.

— Não se preocupe, senhor. — Afila o olhar e vira-se logo para o Elliot, que está a trazer um balde e uma esfregona das traseiras. — Elliot, esta é a centésima vez. Vou ter de começar a descontar do teu salário.

O Elliot não fala. O seu lábio inferior treme enquanto ele respira muito devagar.

Sinto um aperto no coração. Há uma hora, era assim que eu estava: a implorar em silêncio ao universo que me fizesse desaparecer.

A raiva cresce dentro de mim como um balão.

Aquele cretino fez o Elliot entornar os cafés, e agora é *ele* que tem de pagar por isso?

Avanço pelo mar de café e cubos de gelo entornados, e atiro duas notas de 20 dólares ao Sr. Bigode.

— Ouça, foi um acidente. A lavandaria fica por minha conta. Vá lá ver se eles aturam o seu mau feitio. Ah, outra coisa, o seu café arrefeceu porque lhe pôs natas. É isso que acontece.

Juro que o bigode do homem fica branco enquanto um grupo de clientes começa a aplaudir atrás dele. Arranca as notas da minha mão e afasta-se, murmurando entredentes:

— Millennials...

— Nós somos Gen Z, já agora! — grito atrás dele.

A Hannah e a Maggie olham para mim, espantadas. Até eu estou espantado.

Acabei de confrontar um estranho! É a primeira vez.

O Elliot trabalha demasiado para ser tratado daquela maneira, e mesmo que assim não fosse, não merece aquele tipo de atitude.

Ninguém merece. O Elliot sorri na minha direção antes de dobrar a esquina com um balde e um sinal de chão molhado.

— Obrigado — sussurra, enquanto passa a esfregona.

— Solidariedade gay — sussurro de volta. — Não foi nada.

— Parece que afinal há príncipes encantados.

Príncipe?

Quando o elogio do Elliot chega aos meus ouvidos, sinto um formigueiro nas pontas dos dedos. Os meus pés não se mexem. Não sinto o peso a alternar no meu corpo. Estranhamente, os meus sapatos estão bem assentes no chão.

Não consigo deixar de sorrir.

Naquele momento, numa sala cheia de gente, senti uma força renovada. Confiança?

De repente, tudo faz sentido. Não posso ser o perseguido como a Hannah. Se esperar que alguém dê o primeiro passo, vou ficar à espera para sempre. Tenho de ser o Príncipe Encantado. Não tenho de ser o Micah Summers nervoso e sozinho quando convido o Rapaz 100 para sair. Não preciso de me preocupar com o que as pessoas pensam de mim. Este é um papel que posso desempenhar.

No Instaloves, desempenho o papel de anónimo. Porque não posso desempenhar outro papel se isso me ajudar a acalmar os nervos quando convidar um rapaz para sair? Não estou a fingir ser alguém que não sou, é só uma pequena mudança mental para aumentar a minha confiança.

Quem quer que sejas, Rapaz 100, onde quer que estejas, prepara-te para conhecer o príncipe!

DEPOIS DE 99 RAPAZES, O N.º 100 TEM DE SER O TAL.

O Micah sonha com um conto de fadas queer perfeito. Ele tem tudo na vida... menos o namorado dos seus sonhos. Sem nunca ter conseguido convidar um rapaz para sair, publica desenhos dos seus crushes no seu super popular Instagram.

99 CRUSHES DEPOIS, TODA A GENTE ESTÁ À ESPERA DO RAPAZ N.º 100. ESPECIALMENTE O MICAH.

É então que ele se cruza com o rapaz perfeito no comboio... e o deixa escapar. Com a ajuda dos seus amigos, embarca numa missão digna de um príncipe encantado, disposto a tudo para encontrar o Rapaz 100.

MAS, OS MELHORES CONTOS DE FADAS ESCONDEM INCRÍVEIS PLOT TWISTS.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.instagram.com/seekthebutterfly.pt)
[@secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.instagram.com/seekthebutterfly)

ISBN 9789897872143



9 789897 872143 >

